

PERCEPÇÕES E IMPRESSÕES RELIGIOSO-TEOLÓGICAS NO CONTEXTO DE COMUNIDADES ECLESIAIS TRADICIONAIS

PERCEPTIONS AND IMPRESSIONS RELIGIOUS-THEOLOGICAL IN THE CONTEXT OF TRADITIONAL ECCLESIAL COMMUNITIES

Claudir Burmann

Resumo

O que ainda leva as pessoas a manterem sua ligação a comunidades religiosas? Ainda mais a comunidades eclesiais tradicionais? Essas são questões que intrigam em tempos de intensas mudanças na sociedade brasileira, especialmente ao longo dos últimos cinquenta anos. Houve mudanças organizacionais profundas nos mais variados âmbitos da sociedade. E o âmbito religioso não ficou isento dessas transformações. Surgiram novos modos de manifestação e vivência religiosa, incorporando novos pensamentos teo-tecnológicos, bem como práticas inovadoras de pertença. Isso trouxe um impacto no campo sociorreligioso brasileiro, levando comunidades eclesiais tradicionais à perda de boa parcela de sua membresia. Apesar disso, percebe-se a manutenção de um quadro de membros estável em boa parte dessas comunidades. É isso que o presente artigo investiga e aborda. São percepções e impressões a partir da atuação teológico-pastoral em comunidades evangélicas de confissão luterana, conjugadas à reflexão teológico-acadêmica.

Palavras-chave: Mudanças. Ligação. Comunidades eclesiais tradicionais.

Abstract

What still draws people to keep their connection to religious communities? Even more traditional church communities? These are questions that intrigue in times of intense changes in Brazilian society, especially over the last fifty years. There was profound organizational changes in many areas of society. And the religious sphere was not exempt from these changes. Emerged new ways of expression and religious experience, incorporating new theo-technological thoughts as well as innovative practices of belonging. This brought an impact in the Brazilian social religious field, leading traditional ecclesial communities to loss a good portion of your members. Nevertheless, it realizes that the maintenance of a stable frame of members in most of these communities. That's what this paper investigates and addresses. Are perceptions and impressions from the theological-pastoral activities in Communities Evangelical of Lutheran Confession, combined with theological and academic reflection.

Keywords: Changes. Connect. Traditional church communities.

Considerações Iniciais

O presente estudo aborda a vivência religiosa em comunidades eclesiais tradicionais no âmbito da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, inseridas no denominado protestantismo histórico¹. São percepções a partir do contato diário com essa realidade. Ou seja, é uma reflexão não meramente teórica acerca de um fato, mas baseada e fundamentada na vida real. Evidentemente, trata-se de uma abordagem a partir de um contexto específico que pode ter semelhança e similitude com comunidades de outras regiões em que essa denominação religiosa está presente. Entretanto, convém ter em mente que a generalização pode levar a conclusões errôneas – intencionalidade que de modo algum se quer manifestar ou dar a entender.

A questão fundamental é: o que ainda leva as pessoas a manterem sua ligação a comunidades religiosas, ainda mais a comunidades eclesiais tradicionais? A questão emerge a partir da constatação da intensa transformação que vem ocorrendo na sociedade brasileira ao longo das últimas décadas. O âmbito religioso não ficou isento dessas mudanças. Escancaram-se opções religiosas inovadoras com oferta de serviços inconcebíveis² em comunidades eclesiais tradicionais. Essas inovações religiosas têm sido imensamente sedutoras, tanto que os dados estatísticos acerca da realidade religiosa brasileira mostram de modo objetivo o crescimento numérico dessa tendência.

Apesar da participação esporádica nas atividades disponíveis em comunidades eclesiais tradicionais, a maior parte desses “fiéis” mantém sua ligação a elas. O porquê disso tem sido pouco pesquisado e explorado. De um lado, transparece um desencantamento com a vivência religiosa, mas, de outro, transparece que de alguma maneira ela continua representando algo significativo. É claro que essa significância pode ter sentido mais profundo em nível pessoal ou ser meramente uma questão de inserção nos padrões sociais localmente vigentes.

¹ PIERUCCI, Antônio Flávio. As religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 300-323. Naquele texto, o autor aborda características e diferenciações acerca do protestantismo histórico e protestantismo de missão ou, então, protestantismo de imigração e protestantismo de conversão.

² BRAKEMEIER, Gottfried. O luteranismo como desafio ao pluralismo religioso brasileiro. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Org.) *O luteranismo no contexto religioso brasileiro*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007, p. 29. Essa opção religiosa pode ser caracterizada dentro do modelo a que o autor mencionado denomina de “Igreja do Gesto”. Conforme esse autor, são igrejas em que há “participação ‘corporal’ das pessoas, com gestos, gritos, cantos, movimentos”, além de testemunhos pessoais, relatos acerca de milagres, exorcismos ou curas divinas.

Nesse sentido, a presente investigação traz sua contribuição. As análises, interpretações e conclusões têm referenciais vários ramos de conhecimento das ciências humanas, como Sociologia, Antropologia, Ciências da Religião e Teologia. Ou seja, essa pesquisa apresenta uma conjugação entre a observação da prática e vivência religiosa e da reflexão e estudo acadêmicos, áreas em que o autor transita.

Cenários em transformação

O processo de transformação da sociedade brasileira ao longo dos últimos 50 anos tem sido intenso em todos os âmbitos. São transformações verificáveis no cotidiano. Tanto a vida das pessoas tem sido alterada em sua interação social como também a geografia ambiental em que se inserem. Muitas instituições e organizações sociais mudaram seu foco de ação ou desapareceram e outras tantas novas instituições e organizações se erigiram. O próprio modo de conceber e ver o mundo tem se transformado.

É claro que tudo isso se insere em conjunturas e contextos históricos próprios. Não é fruto de intervenções alheias à própria ação e interação humana. É resultado da trajetória histórica em que o chamado mundo ocidental tem trilhado ao longo dos últimos séculos³. Em meio a conquistas positivas para a existência planetária, também sempre têm vindo rescaldos negativos, capazes de questionar a validade da positividade das conquistas obtidas. Essa parece ser a dinâmica em que a existência está fadada a acontecer. Ou seja, a ambiguidade manifesta-se no tempo presente, mas, ao mesmo tempo, está contida na história precedente.

A partir disso, é fundamental compreender que, apesar do impacto que trazem, transformações e mudanças sociais sempre ocorreram e é um mau sinal quando se idealiza o passado como perfeito e o presente como decaído. Quando o passado era presente possivelmente havia a mesma sensação. Num primeiro momento, mudanças trazem questionamentos desestabilizadores de ritmos de vida, seja para indivíduos seja para sociedade em seu conjunto. Ou seja, no processo de transformação e mudança, essa desestabilização percorre o âmbito da economia, da política, da cultura e da religião, alterando os ritmos cotidianos de um modo real e concreto na vida ser integrante da dinâmica existencial e social.

³ HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. Esse autor aborda essa questão especialmente ao longo do século XX.

Nesse sentido, amparado pelo âmbito político, o processo de industrialização do Brasil ao longo do século XX trouxe consigo mudanças que transformaram profundamente a vida de sua população. Com a formação de áreas industriais, houve intenso deslocamento populacional para esses locais, esvaziando ambientes rurais, formando bolsões urbanos não preparados adequadamente para absorver o impacto inerente a esse processo. Uma nova cultura passou a se formar, numa transição do mundo rural ao urbano, verificável num grande número de canções populares ou filmes que retratam essa questão, afirmando um sentimento de saudade em relação ao passado – “ao sertão”.

De igual modo, o âmbito da religião foi atingido por esse processo. No contexto rural, a vivência religiosa ocorria de uma maneira. Já no contexto urbano, por mais que se buscasse manter aquele modo de vivência, a nova realidade foi exigindo alterações, adaptações e novas formatações. Isso desestabilizou o modo de ser e existir e exigiu a construção de novas identidades sociais e religiosas⁴. As próprias instituições religiosas nem sempre tiveram a capacidade de incorporar alterações ocorrentes no conjunto da sociedade, criando um vácuo entre os novos anseios da vivência religiosa e o serviço religioso oferecido. Enfim, as próprias instituições religiosas foram sendo desestabilizadas pelo processo de transformação social maior, não conseguindo remodelar suas ações aos novos contextos.

É nessa direção que no contexto brasileiro pode ser compreendido o surgimento de uma série de novas formas religiosas – majoritariamente seguindo a seu modo a matriz cristã⁵. Essas novas formas religiosas, sem a carga de tradições, costumes e doutrinas anteriores, foram formatando doutrinas próprias em boa medida correspondendo a perguntas subjacentes nessa nova realidade. Nesse sentido, não há dúvida de que em muitas situações – embora nem sempre – essas novas formas religiosas auxiliaram na construção ou mesmo na reconstrução de identidades sociais de pessoas e grupos que se encontravam desestabilizados diante das transformações em curso.

⁴ VASCONCELOS, Sérgio S. D. Identidade(s) religiosa(s) pós-moderna(s) e sua relevância social. In: SOTER (Org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 307-316. O autor reflete o impacto da formação de novas identidades sociais a partir da vivência religiosa: na medida em que o indivíduo adquire “nova identidade” sociorreligiosa de caráter adaptativo, seu papel transformador diminui, a partir do ponto de vista social.

⁵ ABUMANSSUR, Edin Sued. Os pentecostais e a modernidade. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Movimentos do Espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 115-133. Em seu estudo, o autor aborda o pentecostalismo e neopentecostalismo, fazendo uso da tipologia das várias “ondas” que essa nova forma de religiosidade cristã vem tendo no contexto brasileiro.

Os dados do Censo 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, já amplamente explorados em diversos estudos, trazem o desenho mais atualizado acerca da realidade religiosa brasileira. Embora a presença cristã não católica estivesse presente timidamente no país ao longo do século XIX, é ao longo do século XX, período das transformações econômico-sociais mais intensas, que se erigem as novas formas de vivência cristã, principalmente de cunhagem pentecostal e neopentecostal. São essas formas religiosas que se constroem dentro do contexto brasileiro e que vêm responder às questões contextuais em meio às mudanças correntes na sociedade. Se em 1872 a população brasileira correspondia 99,7% de cristãos católicos, em 2010, os cristãos católicos passaram a ser 64,6%⁶. É claro que esses dados não são absolutos ou exatos, pois sempre há variáveis inerentes, mas indicam mudanças no campo religioso brasileiro ao longo de 138 anos, sendo que as mudanças mais incisivas ocorreram nas últimas décadas.

Interessante é perceber nesse Censo que, dos 22,2% de cristãos não católicos (cerca de 42,2 milhões de pessoas), cerca de 60% (25,3 milhões) são interpretados como de vivência pentecostal, tendo se originado no contexto brasileiro, a partir de alguma eventual influência estrangeira. As denominações cristãs protestantes de cunho tradicional – luteranismo, prebiterianismo, anglicanismo, até certo ponto metodistas e alguns ramos batistas – colocam-se junto com o cristianismo católico tradicional como fonte de perda de fiéis, ou no mínimo de estagnação no “arrebanhamento” de fiéis. Disso decorre a suspeita de que, essas tendências religiosas carregadas com o peso de tradições teológico-religiosas do passado tiveram e têm dificuldade em dar respostas convincentes perante as transformações sociais que trouxeram desestabilização, ruptura de tradições e ritmos de vida e crises de identidade.

De modo específico, a presença cristã protestante de cunho luterano representa cerca de 2,4% (999.498 pessoas)⁷ no conjunto das 42,2 milhões de pessoas cristãs não católicas. No conjunto da população brasileira de 190,7 milhões de pessoas, o luteranismo, cuja origem em solo brasileiro data de 1824, tem adeptos na proporção de 0,52 %. Já a denominação Assembleia de Deus, constituída em solo brasileiro a partir de 1911, congrega

⁶ LIMA, Daniel. *Censo: o perfil religioso do país*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao/>. Acesso em: 04 ago. 2014.

⁷ QUEM SÃO os evangélicos, quantos são e onde estão no Brasil. Disponível em: <http://www.evangelizacao.blog.br/quem-sao-os-evangelicos-quantos-sao-e-onde-estao-no-brasil.aspx>. Acesso em: 04 ago. 2014. Nesse *site* há um detalhamento analítico muito interessante acerca desses dados.

cerca de 30% (12,3 milhões) da população não católica e cerca de 6,5% do total da população brasileira.

Enfim, no cenário de transformação econômico-político brasileiro ao longo do último século e especialmente nas últimas décadas, mudanças profundas ocorreram também no campo religioso em sentido lato. A vivência religiosa de cunho mais tradicional, seja do cristianismo protestante como do cristianismo católico, tiveram redução em seu número de adeptos. E novas formas religioso-cristãs se erigiram e se postam aparentemente com respostas mais satisfatórias para boa parte da população, razão pela qual têm se consolidado.

Identificando características locais

Nessa parte do presente estudo focamos especificamente a algumas comunidades eclesiais do protestantismo luterano⁸, caracterizadas por práticas religiosas tidas como tradicionais. Essas comunidades se localizam num município pequeno da região do Vale do Itapocu, na parte norte do Estado de Santa Catarina, com uma população em torno de 15 mil pessoas. A população local foi sendo constituída a partir da imigração alemã, italiana, polonesa e letã, desde as décadas finais do século XIX⁹. Formaram-se pequenas regiões – ou guetos – no município em que cada etnia se estabeleceu, reproduzindo modos culturais próprios, refletidos no cultivo da terra como também na vivência social e religiosa. Nas décadas recentes, com o processo de industrialização local intenso e consequente oferta de empregos, houve um acréscimo populacional a partir da migração de pessoas oriundas principalmente de algumas regiões do Estado do Paraná. Essa parcela populacional, apesar de imprescindível para o funcionamento econômico-industrial local, a partir do seu jeito próprio de ser, é vista com desconfiança, afinal, com jeitos novos de ser, desestabiliza-se o ritmo local consolidado ao longo dos anos.

O município ainda tem uma base agrícola, fazendo uso da mecanização nos processos de cultivo e colheita. Ao mesmo tempo, há inúmeras indústrias dos ramos têxtil e metalomecânico, absorvendo a maior parte da população. Além disso, diariamente, são buscados trabalhadores e trabalhadoras de cidades vizinhas, dada a insuficiência da mão-de-

⁸ DREHER, Martin N. *História do povo luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005. Nessa obra, esse autor retrata resumidamente a história desse ramo do protestantismo brasileiro.

⁹ ADAMI, Luiz S. & ROSA, Tina. *Terra Generosa: história de Massaranduba – SC*. Blumenau: S&T, 2004, p. 67ss.

obra localmente disponível. Os municípios vizinhos, embora de porte maior, apresentam traços econômicos semelhantes a esse pequeno município em questão. Nesse aspecto, pode-se constatar nessa região do Estado de Santa Catarina o processo de transformação econômico ocorrido no Brasil ao longo das últimas décadas, transferindo mão-de-obra das atividades agrícolas para atividades industriais.

Um aspecto peculiar do município em questão é que as indústrias não se localizam apenas no contexto urbano. Boa parte delas está deslocada para o “interior”, ou seja, nos espaços rurais. Já no correspondente à área urbana são encontráveis plantios de arroz. Quer dizer, a peculiaridade está em que rural e urbano se confundem, por não haver uma delimitação clara entre esses ambientes. Assim, há um grande número de pessoas que residem no ambiente rural e trabalham em indústrias e um bom número de pessoas que reside no ambiente urbano e trabalha com atividades agrícolas. O Índice de Desenvolvimento Humano desse município alcança o nível 0,774¹⁰ (considerado alto), estando acima da média dos municípios do Estado de Santa Catarina e do Brasil. Isso não quer dizer toda população local esteja em condições qualitativas de vida excelente. Também são verificáveis contrastes sociais, com grandes diferenças de renda, refletidos, por exemplo, em moradias precárias.

No campo religioso, nesse município, estão presentes algumas denominações cristãs de cunhagem pentecostal. As que estão efetivamente estabelecidas são a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil. Outras denominações de cunhagem neopentecostal têm buscado se inserir no contexto local, mas demonstram dificuldades, mesmo oferecendo serviços religiosos inovadores e não oferecidos pelas denominações mais tradicionais. Denominações neopentecostais como a Igreja Universal do Reino de Deus e Igreja Mundial do Poder de Deus fizeram tentativas, mas não permaneceram na cidade além de seis meses.

É nesse contexto que se situam as comunidades eclesiais do protestantismo luterano em foco.

¹⁰ IBGE. *Santa Catarina » Massaranduba » índice de desenvolvimento humano municipal - idhm » idhm 2010 – cartogramas*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/cartograma/mapa.php?lang=&coduf=42&codmun=421060&idtema=118&codv=v01&search=santa-catarina|massaranduba|sintese-das-informacoes->. Acesso em 04 ago.2014.

Olhando para algumas comunidades religiosas tradicionais

As comunidades em questão são integradas por cerca de 2.500¹¹ pessoas, correspondendo a 17% da população local. Foram constituídas há pelo menos cem anos, sendo que os templos atualmente existentes foram construídos há mais de cinquenta anos, representando a arquitetura própria daquela época. Majoritariamente, a membresia dessas comunidades é de origem germânica, sendo que nas rodas de conversa fala-se a língua alemã, como também algumas atividades eclesiais ainda são realizadas nessa língua – o que reforça a ideia do tradicionalismo presente nesse contexto. Há situações em essa questão é motivo de retração de pessoas que vêm de outra origem, além de se postar como empecilho de comunicação e interação comunitária.

As atividades comunitárias abrangem cultos com ordens litúrgicas que seguem o estabelecido institucionalmente. Além disso, são oferecidos encontros com crianças, adolescentes, jovens, mulheres, homens, pessoas idosas, estudos bíblicos, grupos de canto e coral. Essas atividades vêm ocorrendo desde longa data e têm um público cativo, com pouco acréscimo de novas pessoas participantes de um a outro ano. A participação regular nas atividades eclesiais geralmente alcança até 20% das pessoas integrantes no rol de membros.

Em alguns períodos específicos são oferecidos cursos de formação e preparação para atuação de lideranças – geralmente com baixa participação. Há oferta de outros serviços religiosos, como aconselhamento psico-pastoral, visitas em situações de crise relacional, enfermidade e luto, celebração de bênçãos matrimoniais, sepultamentos. As comunidades também mantêm um cemitério próprio e particular, reservado apenas para quem as integra. Por mais que haja divulgação, atividades inovadoras – que não vinham sendo oferecidas – têm dificuldade na adesão e participação das pessoas.

Em relação ao exercício de cargos e funções coordenadoras, seja nas comunidades ou nos grupos menores nelas existentes, há dificuldade para encontrar pessoas que voluntariamente se disponham a assumi-los. Em alguns casos, constata-se que houve a concentração de cargos e funções em algumas pessoas ou famílias por um longo tempo – até por mais de vinte anos. Entretanto, verifica-se também que, com algum estímulo, há pessoas mais jovens dispostas a assumir tarefas comunitárias em nível de coordenação, às

¹¹ São dados constantes nos arquivos da paróquia que reúne essas diversas comunidades.

vezes para continuar “no ritmo de sempre” e, outras vezes, introduzindo inovações, não em programas e serviços religiosos, mas na estética das comunidades.

Essas comunidades são vistas com estima e respeito pela sociedade local, havendo bom relacionamento com a Igreja Católica Romana como também com o âmbito político local. Inclusive nas gestões da Câmara de Vereadores sempre têm sido eleitos representantes ligados a alguma dessas comunidades. Desde a emancipação do município há mais de cinquenta anos, na maior parte dos mandatos o prefeito era membro de alguma dessas comunidades cristãs luteranas¹². A tendência política sempre foi na linha mais conservadora, mostrando pouca simpatia com propostas de outra tendência.

Enfim, de modo geral pode-se afirmar que a maior parte dos membros filiados a essas comunidades quer continuar a se sentir parte dessa denominação. Porém, são arredios à participação comprometida nas atividades oferecidas. É evidente que isso não deixa de ser uma forma de vivenciar uma prática religiosa. Contudo, vem o questionamento acerca do porquê desse modo de pertença religiosa sem uma participação ativa nas atividades existentes, manifestando uma prática religiosa aparentemente apática.

O que ainda motiva a pertença religiosa?

Diante de todo processo de transformação em todos os âmbitos da sociedade ao longo das últimas décadas, é ponto pacífico afirmar que as comunidades eclesiais não são mais o local privilegiado para o encontro e interação das pessoas. Quando essas comunidades do protestantismo luterano foram constituídas – como também comunidades católicas –, elas eram a referência e o ponto privilegiado de interação e convivência social. Eram os locais para afirmar a identidade de grupo como também para transmitir determinada moralidade de uma a outra geração.

Entretanto, inúmeras novas opções não eclesiais de interação e convivência surgiram, oferecendo encontros de lazer e confraternização “mais atualizados” com o novo jeito de ser em sociedade. São ofertas de convívio social sem a carga da preservação de tradições e costumes mais antigos. Isso inclusive trouxe crise a clubes e “sociedades”¹³ tradicionais, muitos deles criados junto com a vinda dos imigrantes. Quer dizer, tanto a

¹² ADAMI & ROSA, 2004, p. 294-298.

¹³ São Sociedades de Atiradores “Tiro ao Alvo” e outras. Atualmente, gerações jovens demonstram nenhum interesse por esses clubes, sendo que diversos já não estão mais ativos.

participação em atividades eclesiais foi sendo alterada como também a integração nesses clubes antigos foi e vem sendo abandonada.

Outra questão relacionada ao tempo atual é que o mundo do trabalho tem uma estrutura diferente do que era até há pouco tempo. Há indústrias e empresas em que há primeiro, segundo e terceiro turnos de trabalho, impondo jornada de trabalho inclusive em finais de semana. Isso tem conduzido a ritmos desencontrados na vida familiar em muitas situações. Quando, enfim, chega um final de semana opta-se por descansar um pouco mais, ou passar algum momento a mais juntos enquanto família, ou vivenciar alguma forma de lazer descomprometido – sem exigir esforço ou a integração a rituais, religiosos ou não. Isso é reflexo das transformações sociais em âmbito maior, mas que repercutem concretamente na vida das pessoas e no funcionamento de instituições e organizações locais.

Entretanto, mesmo com todo impacto causado pelas novas formas do mundo do trabalho e novas opções de interação e convivência social, inclusive religiosa, a quase totalidade dos membros mantêm em seu horizonte a ligação com as comunidades eclesiais em questão. Nessas comunidades eclesiais de cunho tradicional, não são oferecidos serviços religiosos como curas miraculosas, objetos-amuletos através de lenços ou água santificada, nem a promessa de enriquecimento repentino – serviços religiosos propagados por denominações surgidas no contexto das últimas décadas. Isso parece não ser uma necessidade para as pessoas em nível local, razão pela qual as denominações de cunho neopentecostal têm dificuldade de se estabelecer. Localmente, predomina o pensamento pela busca tratamento e cura de enfermidades na medicina oficial, bem como de progredir economicamente através da dedicação ao trabalho.

Nessa linha de pensamento, transparece uma disposição racionalizada de pertença religiosa às comunidades eclesiais tradicionais. Mesmo que a participação de modo geral não seja intensiva, não há menosprezo pelos serviços religiosos tradicionalmente oferecidos. As crianças continuam sendo trazidas para o rito do batismo cristão em comunidade, geralmente sendo uma preocupação familiar em relação à data batismal e ao conjunto de padrinhos e madrinhas desde antes do nascimento da criança. Essas crianças vêm a participar de encontros de “culto infantil” – catequese para crianças –, oferecido pelas comunidades a crianças a partir dos cinco anos. Do mesmo modo, quando adolescentes, são encaminhadas para a preparação catequética em vista do rito da “confirmação” – ou popularmente mencionado como “crisma”, a partir da influência do catolicismo. Após esse

rito, geralmente aumenta o hiato no envolvimento e participação em comunidade, tanto do jovem como da própria família que integra.

Por mais que haja iniciativas comunitárias de motivação à participação após esse momento, com propostas e ações alternativas, o resultado é baixo. É o período em que a juventude ingressa no mundo do trabalho, boa parte encaminha-se ao ensino superior, integram-se em novos ritmos de lazer e prazer, surgem novos relacionamentos, planejam e buscam construir certa estabilidade para a vida futura. Nesse período, há um afastamento da vida eclesial em comunidade, com participação esporádica nas atividades correntes. A busca por um serviço religioso ocorre por ocasião do casamento – geralmente entre dez e quinze anos após o rito da “confirmação”. Observa-se que, mesmo com uma pertença religiosa relativamente distante, vem a ocasião em que o serviço religioso é buscado.

De outra parte, casais adultos ou idosos com participação esporádica em sua comunidade religiosa dificilmente deixam de celebrar um rito pelas bodas de casamento, aos 25 ou aos 50 anos de matrimônio. Assim também em ocorrências ocasionais ou certas como a morte o rito religioso é buscado para uma celebração de despedida final, bem como para encaminhar o ente querido ao sepultamento no cemitério da comunidade eclesial. Todos esses são momentos em que há um reconhecimento público, embora momentâneo, da importância da pertença religiosa. Em algumas poucas situações, após essas vivências decorre uma participação mais efetiva na vida comunitária.

Em alguns casos há buscas pessoais por serviços religiosos, na área da ajuda psicopastoral em razão de perdas como a morte de familiares ou em situação de crises familiares. Em outros casos, algumas pessoas buscam auxílio religioso em razão de sobrecargas emocionais relacionadas ao cuidado de pessoas enfermas e idosas. Nessas comunidades específicas, em que há procura por esses serviços, no momento, há uma pastora com formação em psicologia e especializada em aconselhamento pastoral. Isso tem aumentado a demanda nessa área em relação a outras épocas.

A pertença religiosa a essas comunidades eclesiais tradicionais por convicções doutrinárias ou teológicas dificilmente é mencionado como motivo para manutenção dessa pertença. Ao menos não é racionalizada e externalizada dessa maneira. Entretanto, em termos práticos, sabe-se o que é próprio de uma comunidade protestante luterana e o que lhe é estranho. Ou seja, subjaz uma identificação com essa cultura religiosa que, apesar de

não ser vivenciada através da participação ativa, apresenta-se forte e resistente ao que se coloca fora dessa tradição.

Outrossim, também há quem integra e participa das comunidades, porque compreende que a vivência de uma espiritualidade religiosa é fundamental para uma vida equilibrada e feliz. Compreendem que essa é uma dimensão da vida humana que não pode ser desprezada. Enfim, que há uma razão maior na existência e no acontecer de todas as coisas, sendo que essa razão não se esgota meramente na imanência. Contudo, está claro que esse modo de conceber a vida e o mundo não predomina nessas comunidades ou, no mínimo, não é referendada através da participação ativa e efetiva das atividades religioso-eclesiais oferecidos.

Tentando entender os porquês

Se, de um lado, a vivência religiosa não busca por respostas mágicas, de outro, há a busca por uma religiosidade racionalizada que contempla situações rituais específicas em determinadas fases e momentos da vida¹⁴. É claro que nem por isso essa busca deve ser menosprezada ou tida como menos importante. Uma comunidade eclesial ser parte desses momentos de transição na vida das pessoas é algo que pode ser compreendido como muito relevante. A partir do olhar institucional, pode-se inclusive ter esse fato como positivo uma vez que essas comunidades eclesiais continuam a ser buscadas nesses momentos pelos “fiéis”. Isso demonstra que não estão aderindo a novas propostas religiosas e nem se desassociando enquanto membros dessas comunidades.

Nas análises e interpretações que podem ser feitas, é importante compreender que a vivência religiosa, embora observável objetivamente como fato e fenômeno social, origina-se a partir de necessidades subjetivas em cada pessoa. Como tal, a necessidade se diferencia de pessoa a pessoa, o que redundará em buscas distintas, além de organizações religiosas distintas¹⁵. Há quem participe em atividades religioso-eclesiais apenas uma vez ao ano. Há quem participe em todos os cultos, em atividades de estudos bíblicos, em outros grupos

¹⁴ CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010, p. 330ss. Esse autor menciona que o “rito é uma prática periódica, de caráter social”, além de afirmar que “de muitas formas, todos os ritos buscam o contato com o sagrado”. Nesse sentido, os ritos exercem importante função tanto na vida pessoal quanto social.

¹⁵ PASSOS, João Décio. *Como a religião se organiza: tipos e processos*. São Paulo: Paulinas, 2006. Esse autor aborda acerca do nascimento de sistemas religiosos sua organização e sua relação com mudanças sociais. Diversos autores clássicos no âmbito das Ciências da Religião também já se debruçaram sobre essa intrigante questão.

específicos e ainda integra equipes de planejamento e execução administrativos das comunidades eclesiais. Ou seja, esperar pela mesma forma de participação, envolvimento e comprometimento das pessoas integrantes de uma comunidade eclesial é desconsiderar a dimensão subjetiva envolvida na vivência da espiritualidade religiosa.

Não se pode afirmar que em outros períodos históricos a vivência da espiritualidade no caso do protestantismo luterano histórico-tradicional tenha sido muito diferente. Costumeiramente, ocorre maior mobilização e integração da membresia em torno de eventos específicos como festas, construções e, eventualmente, em torno projetos missionários ou, ainda, em torno de crises climáticas e catástrofes de comoção geral. É claro que há diversas variáveis que influem em todo esse conjunto, sendo a questão da liderança comunitária local, juntamente com ministros ou ministros religiosos, um fator decisivo para maior ou menor participação e envolvimento das pessoas. Esse fator pode ser motivador ou desmotivador, uma vez que representam graus de confiabilidade na instituição, o que propõe, organiza e realiza.

Evidentemente, há que se considerar que dentro do chamado protestantismo luterano histórico-tradicional também existem experiências distintas da que é analisada a partir desse contexto específico. Constatações feitas não podem ser acriticamente generalizadas. Há comunidades eclesiais tradicionais no contexto brasileiro com participação, envolvimento e compromisso quase que integrais da membresia que as compõe¹⁶. Ao longo de sua existência, tais comunidades construíram uma cultura religiosa muito distinta da que vigora na região em análise na presente abordagem. Essas comunidades são fonte de testemunho e inspiração na busca por motivação às comunidade que se encontram mais acomodadas em termos de presença efetiva nas atividades eclesiais.

Contudo, a sensação é que o que predomina no contexto do protestantismo luterano tradicional são os exemplos aqui descritos. Essa cultura religiosa parece predominar na maior parte dos locais em que essa denominação religiosa está presente no país. É fundamental considerar essa questão em planejamentos institucionais locais ou mais amplos na busca por transformar ou simplesmente conviver com essa cultura religiosa. Tanto uma como outra opção pode trazer positividade ou também negatividade, ambiguidade que acompanha todo processo histórico.

¹⁶ Isso se verifica em grande medida em comunidades da mesma denominação especialmente nos Estados do Espírito Santo e Rondônia.

Considerações Finais

Sem dúvida, o cenário de transformação econômico-social nas últimas décadas trouxe profundas mudanças no ritmo de vida das pessoas. Mas a busca por pertença religiosa continua presente no anseio das pessoas. Mesmo em comunidades eclesiais tradicionais, em que a participação regular da membresia nas atividades oferecidas é reduzida, permanece a busca por serviços religiosos. No caso da presente abordagem, por ora, verifica-se apenas eventuais desligamentos de “fiéis” de suas comunidades para ingressarem em comunidades que têm outras propostas ou oferecem outros tipos de serviços religiosos.

Se, de um lado, já houve desligamento de membros que buscavam experiências religioso-mágicas não encontradas nas comunidades tradicionais, de outro, há também acréscimo de membros desiludidos com práticas ainda mais ritualísticas de outras comunidades religiosas tradicionais (não protestantes). Igualmente tem havido ingresso e reingresso de pessoas que já transitaram por propostas religiosas “inovadoras”. Quer dizer, no chamado mercado religioso local, essas comunidades protestantes tradicionais preservam um alto grau de reconhecimento por sua serenidade e consistência teológica enquanto instituição e por uma prática não agressiva na busca desesperada por novos fiéis. Por vezes, esse reconhecimento é maior no âmbito externo das comunidades do que a na percepção interna, ou seja, dos próprios membros.

Enfim, o anseio por vivência religiosa permanece, seja com mais ou menos intensidade, dependendo das necessidades subjetivas presentes nas pessoas, diante de determinados contextos e circunstâncias da vida. São essas necessidades que têm determinado maior ou menor participação, envolvimento e compromisso.

Referências

ABUMANSUR, Edin Sued. Os pentecostais e a modernidade. In: PASSOS, João Décio (Org.). *Movimentos do Espírito: matrizes, afinidades e territórios pentecostais*. São Paulo: Paulinas, 2015. p. 115-133.

ADAMI, Luiz S. & ROSA, Tina. *Terra Generosa: história de Massaranduba – SC*. Blumenau: S&T, 2004.

BRAKEMEIER, Gottfried. O luteranismo como desafio ao pluralismo religioso brasileiro. In: WACHHOLZ, Wilhelm (Org.) *O luteranismo no contexto religioso brasileiro*. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2007, p. 27-37.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

DREHER, Martin N. *História do povo luterano*. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX – 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. *Santa Catarina » Massaranduba » índice de desenvolvimento humano municipal - idhm » idhm 2010 – cartogramas*. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/cartograma/mapa.php?lang=&coduf=42&codmun=421060&idtema=118&codv=v01&search=santa-catarina|massaranduba|sintese-das-informacoes->. Acesso em 04 ago.2014.

LIMA, Daniel. *Censo: o perfil religioso do país*. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/infograficos/censo-religiao/>. Acesso em: 04 ago. 2014.

PASSOS, João Décio. *Como a religião se organiza: tipos e processos*. São Paulo: Paulinas, 2006.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As religiões no Brasil. In: GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O Livro das Religiões*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010, p. 300-323.

QUEM SÃO os evangélicos, quantos são e onde estão no Brasil. Disponível em: <http://www.evangelizacao.blog.br/quem-sao-os-evangelicos-quantos-sao-e-onde-estao-no-brasil.aspx>. Acesso em: 04 ago. 2014.

VASCONCELOS, Sérgio S. D. Identidade(s) religiosa(s) pós-moderna(s) e sua relevância social. In: SOTER (Org.). *Religião e transformação social no Brasil hoje*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 307-316.